

Personagens por ordem de entrada

Laura

Antonieta

Suindara

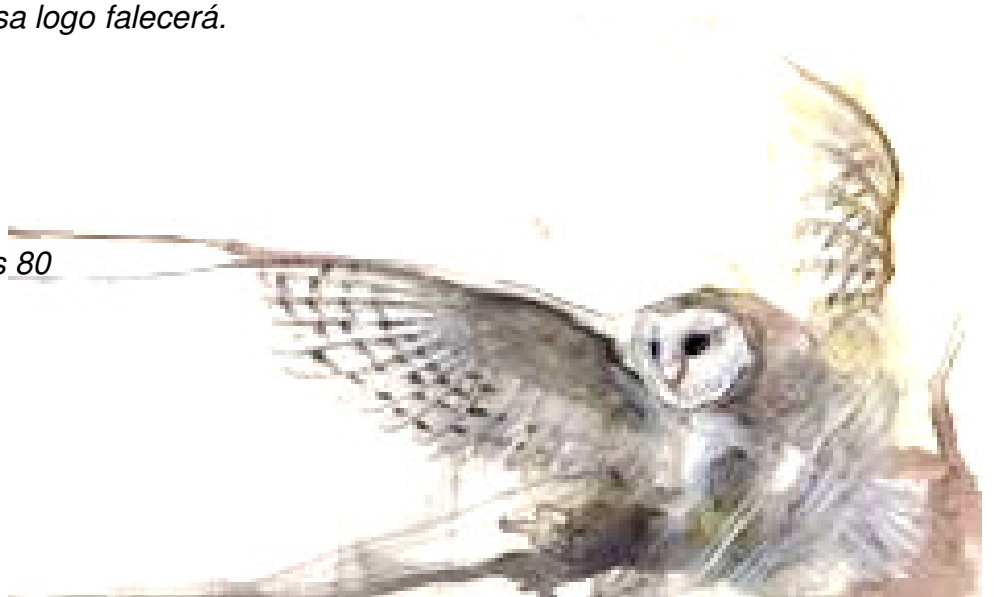
(Rasga-mortalha)

“...aqui não tem tesouro e nem pano, não tem ninguém morando aqui...”

Diz a lenda que se uma coruja Rasga-Mortalha pousar no telhado ou na sacada de sua casa e piar, um som semelhante ao rasgo de seda, é sinal de que alguém da casa logo falecerá.

Por volta dos Anos 80

(Alteração 1)



Antonieta – 38 anos

Mulher enigmática, sedutora e sádica, com obsessão pela irmã, psicótica.

Laura – 60 anos

Mulher sofrida, pela quantidade de perdas na vida. “Refém” da psicopatia da irmã.

A peça se passa em uma sala, com luz baixa, com poucos móveis, tendo um sofá, dois abajures, uma mesa, uma vitrola e um jogo de chá. As indumentárias, de classe abastada, permanecem nos anos 60/70 como se o tempo tivesse parado.

Abre o Pano

Laura está sentada ouvindo uma música ao lado de uma vitrola e tomando chá, olhar blasé. Pega o bule, para, se serve com mais um pouco... A música está tocando na vitrola e ela escuta o som do pássaro rasga-mortalha, se assusta com a voz de Antonieta cantarolando a música. Laura levanta de supetão...

Música – Miss Celie's Blues

<i>Miss Celie's Blues</i>	<i>Miss Celie's Blues</i>
<i>Sister, you've been on my mind</i>	<i>Irmã, você tem estado na minha cabeça</i>
<i>Sister, we're two of a kind</i>	<i>Irmã, nós somos duas de um tipo</i>
<i>So sister, I'm keepin' my eyes on you</i>	<i>Então, irmã, estou de olho em você</i>
<i>I betcha think I don't know nothin'</i>	<i>Aposto que você acha que eu não sei nada</i>
<i>But singin' the blues</i>	<i>mas cantando o blues</i>
<i>Oh sister, have I got news for you</i>	<i>Ah, irmã, tenho novidades para você</i>
<i>I'm somethin'</i>	<i>Sou alguma coisa.</i>
<i>I hope you think that you're somethin' too</i>	<i>Espero que você ache que é alguma coisa</i>
<i>Scufflin', I been up that lonesome road</i>	<i>também</i>
<i>And I seen a lot of suns goin' down</i>	<i>Lutando, eu estive naquela estrada solitária</i>
<i>Oh, but trust me</i>	<i>E tenho visto muitos sóis se pondo</i>
<i>No low life's gonna run me around</i>	<i>Oh, mas confie em mim</i>
<i>So let me tell you somethin' sister</i>	<i>Nenhuma vidinha lenta vai me pôr para correr</i>
<i>Remember your name</i>	<i>Então, me deixa te dizer uma coisa irmã</i>
<i>No twister, gonna steal your stuff away</i>	<i>Lembre-se do seu nome</i>
<i>My sister</i>	<i>Nenhum enrolador, vai roubar as suas coisas</i>
<i>Sho' ain't got a whole lot of time</i>	<i>Minha irmã</i>
<i>So shake your shimmy,</i>	<i>Certamente não temos muito tempo</i>
<i>Sister</i>	<i>Então balance seus brilhantes</i>
<i>'Cause honey I sure is feelin' fine</i>	<i>Irmã...</i>
	<i>Pois querida eu estou me sentindo ótima</i>

Laura – Quem está aí? (*Desliga a vitrola, mas Antonieta continua cantando, Laura a vê...*) Como entrou? Faz tempo que está aí? Por que voltou?

Antonieta – Quantas perguntas? Não vai me convidar pra um chá? (*ri*) Engraçado, como você consegue interpretar bem essa vida de uma nobre inglesa em um calor insuportável dessa cidade maravilhosa. Você aí sentadinha ao lado de uma... Como é mesmo o nome desse troço? Hummm... Radiola? Não, não, vitrola? Isso, vitrola! Tomando chá, como se estivesse em um inverno londrino, mas devo confessar que pelo menos você tem bom gosto na escolha das músicas.

Laura – Você ainda não me respondeu...

Antonieta – Quais eram mesmo as perguntas? Ah! Já lembrei! Já lembrei...

Laura – Quanto tempo está aí me observando?

Antonieta – Não começa com essa mania de perseguição! Eu acabei de chegar, aliás, estou com muita, muita sede, mas preferiria uma água com gás a esse chá, combina mais com esse calor insuportável dessa cidade... Esse chá é de...

Laura – Chá de cidreira, como bem sabes. É o único que tomo! Mas não me enrole com essas suas palavras debochadas e me digas o que queres de mim?

Antonieta – Eu?

Laura – Antonieta, não se faça de rogada, sei muito bem quem é você... Você não perderia seu tempo precioso vindo até aqui se não quisesse algo de mim. Ou melhor, se não quisesse tirar algo de mim, não virias só para beber uma água com gás em minha companhia, até porque sei muito bem que não bebes água e que sua bebida é um bom e velho conhaque. É bem provável que, além de tudo que já me tirastes, pretende agora tirar-me a paz!

Antonieta – (*cantarola a mesma música, Laura sai, e volta com um copo d'água com gelo, coloca em cima da mesa. Antonieta não toca no copo*)

Música – Miss Celie's Blues

Laura – Fale de uma vez!

Antonieta – Ai, Laura, você e seus dramas. Chega a ser patética essa sua ceninha... Pobre coitada... *(debochada)* Ai de mim, como sofro! *(continua cantando)* Tirar sua paz? Que paz? Você consegue viver em paz? Quem consegue viver em paz com tantos fantasmas nos assombrando todos os dias?

Laura – Não estava te esperando hoje! Seria pedir muito pra avisar antes quando vier aqui?

Antonieta – Não, não seria! Mas te pergunto: por quê? Por que terias que te avisar antes? Para que tanta cerimônia e protocolos? Preciso marcar horário na sua agenda pra vir aqui? Como se você fosse muito ocupada não é?

Laura – Sim! Tenho meus compromissos, não é porque sou aposentada...

Antonieta – Pensionista você quis dizer...

Laura – Não importa! Que diferença faz?

Antonieta – Faz muita diferença sim! Ainda mais que essa sua pensão...

Laura – Não se atreva falar desse assunto que já foi muito bem esclarecido e resolvido. Mas, afinal, o que diabos você veio fazer aqui?

Antonieta – Querida, acho que você tem que aumentar a camomila desse chá! Ah, perdão, não é de camomila é de cidreira, não é isso? Você só bebe chá de cidreira... Deveria mudar pra algo que a deixasse mais calma, estás muito alterada ou será que é a consciência que pesou?

Laura – *(liga a vitrola)* Definitivamente não preciso continuar essa conversa com você! Fique aí o tempo que quiser, farei de conta que estou sozinha. *(liga a vitrola, Antonieta canta junto)* Maldição! Cala essa boca!

Música – Misty

Misty	Misty
Look at me, I'm as helpless as a kitten up a tree	Olhe para mim, estou tão indefeso como um gatinho de uma árvore
And I feel like I'm clingin' to a cloud I can't understand	E eu sinto que estou clingin 'para uma nuvem Eu não posso entender
I get misty, just holding your hand Walk my way	fico enevoadado, apenas segurando a sua mão Ande meu caminho
And a thousand violins begin to play Or it might be the sound of your hello	E mil violinos começam a tocar Ou pode ser o som do seu Olá
That music I hear I get misty, the moment you're near	Essa música eu ouvi fico enevoadado, no momento em que está perto
Can't you see that you're leading me on?	Você não pode ver que você está me levando por diante?
And it's just what I want you to do Don't you notice how hopelessly I'm lost	E é exatamente o que eu quero que você faça
That's why I'm following you On my own	Não se percebe como irremediavelmente estou perdido
When I wander through this wonderland alone	É por isso que eu estou te seguindo No meu próprio
Never knowing my right foot from my left	Quando eu ando só isso maravilhas através Nunca sabendo meu pé direito do meu lado esquerdo
My hat from my glove I'm too misty, and too much in love	meu chapéu da minha luva Eu sou muito enevoadado, e muito apaixonado
Too misty And too much In love	Muito enevoadado E muito No amor

Antonieta - Pensei ter ouvido você dizer que faria de conta que estaria sozinha... Faça de conta, Laura. Não se incomode comigo. É a minha voz que te incomoda? Pois, muito bem, ficarei calada. Olha aqui (*faz como se tivesse fechando a boca com o zíper*). Não cantarei mais uma nota que for!

Laura aumenta o som, coloca mais chá na xícara, cantarola um pouco, caminha pela sala de um lado a outro, olha pela janela, para diante de Antonieta, encara, senta, desliga o som... quebra o disco e diz ríspida:

Laura – Você não canta mais nada aqui hoje! (Trocando de assunto) Não vai mesmo falar porque veio aqui?

Antonieta – Laura, Laura, querida, você não se decide mesmo. Afinal, falo ou fico calada? Ou eu posso falar, mas não posso cantar, é isso? Olha que eu

nem desafino! Você sim! Eu ouvi desafinar! Você sempre saiu do tom, a vida toda fora do tom!

Laura – A vida inteira você me roubou o tom! Sempre dei espaço pra você se afinar, aliás, dei não. Você sempre me roubou! Conseguiu me tirar tudo nesta vida, me despiu da sociedade, só nunca descobri o porquê, em troca de quê?

Antonieta – Eu?

Laura – Você mesma! Sempre com essa voz inocente, doce e envenenando tudo! Estragando tudo! Colocando pedras e pedras no meu caminho! Não o bastante de me fazer carregar a cruz, ainda sentou nela!

Antonieta – Quanta ingratidão! Sempre recalcada... Não somos mais adolescentes, Laura. Pare de se vitimar!

Laura – Me vitimar? Desde que éramos crianças, Antonieta, você me persegue. Lembro-me de todos os detalhes: o dia que rasgou o meu vestido e falou que fui eu que o rasguei, o dia que me empurrou pra cima do carro e fui atropelada, o dia que me deu o remédio errado quando me queimava de febre só para eu perder a noite de sono...

Antonieta – Quanto rancor, Laura! Nossa assim você vai acabar tendo um câncer...

Laura – Você a vida toda foi meu câncer! A inveja é a pior das doenças Antonieta!

Antonieta – Inveja eu? Inveja de quê? Dos seus cabelos? Não, não pode ser, porque os meus sempre foram mais bonitos! Dos seus olhos? Não, não pode ser, sempre vi além, muito além dos que os seus alcançaram... De quê?

Laura – É o que sempre me perguntei. Por que essa inveja? Por que tanta inveja de mim se sempre você foi a mais bonita, a mais cobiçada, a mais...

Antonieta – Inteligente? Fala Laura... Pode falar! Mas, na verdade, sempre foste mais inteligente que eu! Blefei a vida toda! Eu sou um blefe!

Laura - A mais puta! A mais baixa! A pior de todas as pessoas. Tu não podias ter nascido em família, Antonieta! Tinhas que ter nascido na sarjeta, na rua! Tua alma é podre! Nunca foste digna de confiança. Traístes todos em tua volta! Imperdoável uma pessoa como você. Deveria ter sido abortada... Interrompida com pílula anticoncepcional antes do espermatozóide ter alcançado o óvulo! És um demônio! Nunca me esqueci do pior dos meus dias... O dia que pedi para guardar segredo sobre o Ricardo...

Antonieta – Como é? Pediu pra guardar segredo? Ora, ora, Laura, que idiotice... Você não me pediu nada! Apenas se assustou e saiu correndo pra se esconder... O tio Ricardo, sim! Implorou-me pra não contar pro papai que eu tinha visto você se agarrando com ele... O tio Ricardo, 20 anos mais velho que você! Se aproveitando de uma garotinha de 17 aninhos. E você caiu feito uma boba na conversa fiada dele!

Laura – E você contou! Não só contou pro papai como fez questão de contar na mesa de jantar pra todos. Inclusive pra tia Mariana que morreu me odiando e nunca me perdoou...

Antonieta – E você queria o quê? Que ela te perdoasse e te santificasse por ter acabado com o casamento dela? Conte sim! Conte porque o titio não quis me fazer uns favores... Eu não tive escolhas! Ou era você ou eu. Escolhi a mim! Me safei!

Laura – Você o chantageou... Você acabou com a vida dele e com a minha vida!

Antonieta – Eu não acabei com nada! O casamento já não existia e todo mundo sabia disso!

Laura – Sabia? Quem sabia? Só você que sabia a versão dele e ele que queria era te comer! Queria te ter como amante e depois nunca ia se separar da tia Mariana!

Antonieta - Mas concordo com você quando diz que ela morreu te odiando. Odiando não só a você, mas ao mundo todo! Velha chata, feia... *(pausa, olha*

para Laura) Boba! Não fique traumatizada por isso, afinal, você fez um favor pra ela!

Laura – Eu?

Antonieta – Você realmente não! Eu fiz! Apesar de ninguém nunca reconhecer as boas coisas que faço na vida delas!

Laura – Fez muito mais que um favor, você transou com ele! E depois espalhou para a família toda que eu quem estava de caso. Conseguiu me afastar e ficar com ele! Você me roubou dele! E o tirou do mundo de uma forma humilhante e imperdoável!

Antonieta – Não te roubei nada porque você não o tinha! Ele não era seu, não era da tia Mariana, nem era meu! Ele não era de ninguém! Nem dele mesmo, por isso ele se matou!

Laura – Você o matou!

Antonieta – Eu não matei ninguém! Eu tinha apenas quinze anos e você acha que eu ia querer ficar transando com um homem muito mais velho que eu a troco de quê? Se ele tivesse pelo menos atendido os meus pedidos...

Laura – Pedidos, pedidos! Sempre os seus caprichos acima de tudo. Pedidos esses que até hoje ninguém soube quais eram... Somente para me humilhar, isso sim! Você sempre me humilhou! Você fez com que ele ficasse deprimido, sem o apoio da família e solitário até...

Antonieta – Até apertar o bandido gatilho e se matar! Matou-se porque era fraco, não era homem pra mim! Nem homem para você! Homem deveria ser poupado de ter que se declarar amar uma mulher, porque ao descobrir isso e falar publicamente perde-se o encanto... Amar tem que ser no silêncio. E principalmente na cama, com gritos e gemidos de prazer, preenchendo o ventre de gozo! Mas ele além de tudo isso tinha a gala rala!

Laura – Poupe-me desses detalhes tão sórdidos!

Antonieta – Não quer saber quais eram os meus pedidos?

Laura – Não me interessa mais! Agora já passou, já faz muito tempo...

Antonieta – Não tanto tempo assim, pois você está sempre lembrando todos os dias desse episódio. Fazendo com que as lembranças estejam presentes! Pois vou te falar, Laura, cada detalhe do que pedia pra ele quando ele estava dentro de mim. Pedi pra ele te comer em um lugar que eu pudesse ver! Pedi pra ele te dar um filho e depois fugir comigo... Eu só poderia fugir com ele se ele te deixasse prenha e mãe solteira. Queria que você tivesse um filho com ele e criasse essa criança sozinha, um bastardo qualquer. Mas ele não quis... e isso me enchia de ódio! Odeio homens covardes! Porque também nunca tive excitação em ter ele sobre meu corpo, sentia dor, nojo, raiva... Ele não sabia fazer direito, era mole demais e gozava rápido demais. *(Olha para Laura que engole seco cada palavra. Pausa)* Desculpa, querida, esqueci que você não chegou a transar com ele... Porque depois que o tive, ele não quis mais nenhuma mulher que não fosse eu!

Laura – Eu não acredito em nenhuma das suas palavras! É mentira! Pura mentira! Você sempre foi cruel! Você não poupou ninguém!

Antonieta – Sim, poupei sim, poupei você! E te salvei desse mala! Porque ele era um mala! Ele roncava, ele não tomava banho depois da transa... Ele fedia!

Laura – Mas você não tinha esse direito! Você não podia ter feito isso comigo! Acabou com minha vida! Queria ter perdido noites de sono escutando o ronco dele, queria sentir o fedor em seu corpo, em suas roupas, queria ter dado a ele o amor que estava dentro de mim e foi interrompido! Fui julgada de puta, sem vergonha, mesmo sendo virgem! *(pausa)* Foi só um beijo, um único beijo e você me encheu de inimigos, ninguém confiava mais em mim! Quando me viam perto de um homem cochichavam que eu estava querendo trepar com eles... Quantos tapas na cara ganhei da mamãe e do papai na frente de todo mundo sem nem saber por quê! Foram anos de desprezo e medo! Quando descobri que você estava por trás disso tudo eu enlouqueci. Eu não acreditei quando Tia Mariana me contou que sabia que era com você que ele trepava, que era você que ele dizia amar em cada canto da casa, mas que mesmo assim ela me odiava pelo fato de eu não ter contado pra ninguém que era você a amante do marido dela! Mas eu não sabia! Eu não sabia! Eu não sabia!

Antonieta – Eu sabia que ela sabia do meu caso... Eu fiz com que soubesse. Tudo calculado e planejado! E, os tapas que você levou, também fui eu que os provoquei... Eu dizia pra o papai e pra a mamãe que você estava se oferecendo para fulano, sicrano, beltrano... Era divertido ver você apanhar sem nem saber por que.

Laura – Por quê? Por que foste sempre tão cruel e malvada comigo? Por que sempre tiveste prazer em me ver sofrer e ser humilhada na frente de todos?

Antonieta – Porque gostava! Sempre gostei de ver você chorando! Seu choro era mais bonito que seu sorriso! Eu, sim, nasci pra rir! Você, Laura, você nasceu pra ser meu capacho! Seu choro é mais bonito que todos os risos! Você aprendeu a chorar sem derramar lágrimas... Você era mestra em sofrer calada! Era frágil e “senhora da dor silenciosa”! Isso é lindo! Disso, sim, eu a invejava. Eu não conseguia, nunca consegui. Sempre chorava e esperneava e todo mundo vinha me paparicar. Mas para que falar disso agora? Como você mesmo disse: é passado! Beba seu chá, ele já deve estar frio.

Laura – (*Bebe o chá*) E como você me corrigiu muito bem... Passado que me acompanha até hoje! Passado traçado de decepções e pesadelos. Não contente em ter desgraçado minha vida com o Ricardo, todos os namorados que eu tive, você me sacaneou com todos eles! Que prazer de me odiar...

Antonieta – (sarcasmo ao extremo) Não é ódio Laura! É amor... Eu sempre te amei e pra continuar te amando era preciso te fazer sofrer... Porque se eu permitisse que fosse feliz com um homem, tu ia me esquecer. Não se pode amar uma mulher, irmã, mãe que ame um homem... O amor de uma mulher por um homem é fatal para que ela se anule e esqueça-se do resto do mundo! Eu queria estar presente na sua vida! Acompanhar-te por toda eternidade! E que fostes minha companhia.

Laura – Mas você se casou! Você teve vários casamentos! E mesmo assim me vigiou, não me deixou uma tarde sequer. Demorei a perceber essa obsessão, demorei muito a ver quem você realmente é. Casada e ainda assim levando vida de solteira, atrapalhando meus relacionamentos, fazendo a cabeça de todos contra mim!

Antonieta – Me casei... na verdade, me vinguei de todos eles porque ninguém nunca me amou como deveria e merecia ser amada!

Laura – Todos eles te amaram!

Antonieta – Amaram? Como sabe que me amaram? Eles apenas queriam meu corpo... Porque sempre os seduzi.

Laura – Eu sei! Sei muito bem que os seduziu, nunca esqueci que todos os seus maridos e amantes antes de serem seus, eram os meus pretendentes... Você comeu todos os homens que se aproximavam de mim. Não deixou escapar nem os meus amigos... Coisa deprimente! E todos tiveram um fim trágico! Uma maldição! Você é uma maldição! Um encosto, um esgoto sem fim!

Antonieta – *(Ri)* Maldição nada, acaso... Obra do acaso! *(Canta. Laura caminha de um lado para o outro)*

Música – Miss Celie's Blues

Laura – Alfredo misteriosamente caiu do barco em Ilha Grande e ninguém nunca achou o seu corpo... Voz bonita. Voz de tenor!

Antonieta – Adorava usar a boca... A língua especificamente, mas era bobão, gostava de jogar conversa fora e falava demais! Me confessou certa vez que se tivesse que casar um dia, casaria com você!

Laura – É verdade isso? Ou mais uma piada sem graça do seu extenso repertório de mau gosto.

Antonieta – Sim, me falou antes de me levar pra cama, mas depois daquela noite, ele disse que nunca mais casaria! Bebia muito, deve ter se embriagado e caído do barco...

Laura – Você estava lá! Deve saber se isso realmente aconteceu...

Antonieta – Eu estava sim! Mas não vi nada. Só dei conta que ele tinha caído quando chegamos a Angra e não o encontramos no barco. Depois de horas de procura resolvemos chamar o resgate... Infelizmente não acharam o seu

corpo... Queria ver ele morto deitado naquele caixão e coberto de flores. Ia ser uma cena e tanto... aquele homem calado e inchado da água salgada do mar.

Laura – Você só consegue ver com bons olhos um homem em dois momentos: ou deitado sobre você na cama ou deitado em um caixão! (*Tenta beber o chá, mas não consegue e devolve a xícara a mesa*) Coitado do Alfredo, era um homem bom! (*pausa*) O Antenor caiu do oitavo andar em plena Avenida Rio Branco. Parou o centro da cidade... Foi um horror! Suicídio! Saiu matéria em todos os jornais. Ele me beijou dentro do elevador horas antes... Subiu e...

Antonieta – O que você disse a ele para que pulasse do oitavo andar?

Laura – Apenas disse para que tivesse cuidado com você. Após isso ele me olhou, me agarrou entre seus braços e me deu um beijo longo e demorado. Nunca tinha sentido uma língua dentro da minha boca daquela forma... É obsceno demais o beijo de língua...

Antonieta – Idiota! Ele era romântico demais para suportar o mundo! E conseguiu engarrafar toda avenida atrapalhando a vida de milhares de pessoas. Esse eu vi deitado no caixão... Eu o beijei depois de morto. Boca fria! Faltou a língua. Não existe beijo bom sem que as línguas dançam no céu na boca...

Laura – Você é uma pessoa absurdamente doente! (*pensativa*) Foi quente demais sua boca na minha... Fui eu, seu último beijo de língua. O beijo que sucede a morte. Eu o tive antes da morte e, na guerra entre ela e eu, saí perdedora! A morte sempre ganha dos amantes! (Quando você está por perto!)

Antonieta - Como pode ter certeza que você foi o seu último beijo?

Laura – Eu tenho! Tenho certeza que ele nunca mais beijaria ninguém da forma que me beijou... Ele não teve mais tempo pra outra boca que não a minha e, mesmo se tivesse tido tempo, o beijo não seria como o nosso... (*pensativa*) Passei pelo corpo morto na Avenida Rio Branco sem saber que era o dele... Uma multidão ao redor do defunto, eu furei o bloqueio vi o corpo achei que conhecia aquele homem de algum lugar, mas não imaginava que seria ele. Como podia adivinhar que um instante antes estava dentro da minha boca e

em poucos minutos estaria beijando o asfalto quente, sujo e ensanguentado? No dia seguinte li no jornal. Não consegui ir ao velório, ao enterro. Não consegui sequer chorar!

Antonieta – Eu estive lá! Tinha muita gente, todos se questionando qual a causa ou razão do suicídio... (Insinuando ter algo com o ocorrido) Uns diziam que ele não teria salvação!

Laura – Ele não teve! Ninguém que passou ou que passe por nós terá salvação! Somos degeneradas. Maldição para todos que nos amam... (*pausa, bebe um gole do chá, pensativa*) Vitor era um rapaz tímido!

Antonieta – Vais passar a limpo a história de todos eles? Devem estar se revirando no caixão ou sei lá onde quer que estejam.

Laura – As lembranças de suas mortes os tornam vivos e me deixa ainda mais culpada! De certa forma eu os matei! Ao te apresentar a um homem era fatal que eles morressem... Um simples “prazer em te conhecer” já era uma sentença de morte! Vitor te rejeitou. (*ri, demonstra prazer na voz*) Me senti vingada, quando no teatro você o convidou pra um drink após a peça... Ele educadamente agradeceu e te disse que a noite seria em minha companhia! Você não suportou a rejeição... Você nunca tinha recebido um não! Não consegui nem esperar o fim do balé. Chovia muito naquele dia e fomos apenas nós dois ao Bar Luiz, tomamos um vinho... Mal falamos, nossos olhos se cruzavam. Em certo momento ousei colocar a mão na sua perna, ele a afastou de si, chamou o garçom, pediu a conta, pagou e me trouxe em casa. Ao sair do carro me disse: “Você não devia repetir os atos da Antonieta. Você é melhor que ela!” E na mesma noite o carro bateu em uma árvore e ele não sobreviveu. No enterro todos estavam lá. A mãe dele veio até a mim e disse que ele gostava muito de mim. Que sempre falava meu nome e que ela estava louca para me conhecer, mas que, infelizmente, estava me conhecendo naquelas circunstâncias...

Antonieta – (*sarcástica*) Já que é para falarmos dos defuntos, acho que agora chegou a hora do Aloísio.

Laura – Acho que já deu por hoje! Afinal de contas, acabou meu chá. E você ainda não falou o que veio fazer aqui.

Antonieta – O bule está cheio ainda! Temos chá e histórias pra comentar sobre um cemitério inteiro em tempos de guerra. Não me digas que o principal, o homem com quem realmente conseguistes casar e engravidar, você queira deixar de fora das suas lembranças fúnebres.

Laura – Deixe que descansem em paz! Sabe que não gosto de falar sobre esse assunto, sabe o quanto me dói e me machuca.

Antonieta – Não, nunca soube que isso te magoava. Para mim ele sempre foi um homem tão bom que pensei que você só guardasse lembranças boas e que, falar nele, mesmo depois de tudo que aconteceu, te fizesse feliz!

Laura – E me faz! Só que não quero dividir isso com você. Não merece mencionar o nome dele. Aliás. *(coloca mais um pouco de chá na xícara, bebe um gole)* O chá está terrivelmente frio. É melhor que saia. Por hoje já deu de conversas, de lembranças e de...

Antonieta – De...

Laura – De você, Antonieta. De você!

Antonieta – Não seja indelicada! Fazia tempo que não conversávamos francamente como agora!

Laura – Não faz tanto tempo assim... Ontem mesmo...

Antonieta – Ontem? *(Pausa)*

Laura – O Aloísio me ensinou a gostar de chá! Nos conhecemos em uma exposição de Miró. Lembro-me como se fosse hoje. Ele estava de camisa xadrez azul clarinha e uma calça jeans justa no corpo... Parecia um cowboy *(rindo)*, o dia era 16 de março... Quente, o dia todo muito calor e no fim de tarde aquela tempestade tipicamente carioca. As ruas alagadas e eu esperando um taxi para poder voltar para casa... Tive sorte! Dias de chuva sempre me dão sorte!

Antonieta – Muita sorte, porque eu fiquei presa em um engarrafamento monstruoso em Botafogo que não consegui chegar ao seu encontro.

Laura – Coisa de Deus! Se é que ele existe. Sabe que depois desse dia eu passei a crer que ele realmente existisse? Cheguei até a ir a algumas igrejas. *(rindo)* Visitei várias. Rezei, orei, fiz de um tudo um pouco. Pedi com muita fé para que você desaparecesse da minha vida.

Antonieta – Que horror! Você nunca me contou isso...

Laura – E deveria?

Antonieta – Nunca tivemos segredos!

Laura – Nunca antes de conhecer Aloísio! Depois daquele dia da exposição, você só ficava sabendo do que eu queria contar e muitas vezes eu menti para você. Questão de sobrevivência! Se eu não tivesse feito isso eu não teria me casado, eu não teria vivido dois anos da minha vida tão feliz! Eu estava curada do câncer que era você, mas depois desses anos você voltou com tudo, uma avalanche.

Antonieta – Você sumiu. Foram dois anos eternos à sua procura. Procurei você como uma louca por esse Rio de Janeiro todo. Ninguém sabia onde você estava ou não queriam me dizer.

Laura – Ninguém sabia! Tive o cuidado de não contar para ninguém. Cortei o cabelo, queimei todas as roupas, mudei todo o guarda-roupa e em Aperibé troquei de nome... Pensei em tudo. Até na escolha dessa cidade... *(rindo)* Você nunca ia pensar que eu fosse fugir para o interior do noroeste fluminense? Estava tudo bem, estávamos vivendo em um paraíso. Aloísio não entendia nada, mas também não me perguntava nada. Tudo perfeito! *(pausa)* Sabe que transávamos quatro dias da semana? *(Antonieta Calada anda de um lado a outro pela sala)*

Antonieta – Nunca soube dessa versão da história.

Laura – Que transávamos quatro vezes por semana?

Antonieta – Não! Que a idéia de ir para Aperibé tinha sido sua. Você mentiu pra mim esses anos todos dizendo que tinha sido sequestrada por ele!

Laura – E de certa forma foi isso que aconteceu! Não foi? Pensa bem, um homem como o Aloísio, charmoso, muito mais charmoso que bonito, rico, que não precisava trabalhar, solteiro, nunca quis casar com nenhuma outra mulher que não fosse eu! Como poderia deixar escapar um homem como Aloísio? Ele me desejava e me queria tanto quanto eu o quis! Naquela mesma noite da chuva quando o taxi parou e ele fez menção para eu entrar que ele e ia esperar outro táxi chegar, eu peguei em seu braço e o coloquei dentro do carro. Sem que ele resistisse entramos no banco de trás e ao bater a porta do carro ainda molhados eu o beijei... Foi um beijo de língua, nossas línguas dançaram no céu da boca, um beijo demorado e gostoso... o taxista perguntava enlouquecidamente para onde iríamos e nós nos beijávamos mais enlouquecidamente ainda. O taxista pediu para nos retirar do seu carro, que ia ligar o taxímetro por que estávamos atrapalhando o seu trabalho. Ele, então, parou de me beijar e disse: Leve-nos para qualquer lugar! O taxista insistia para que descéssemos do carro eu então lhe disse: Vamos para Aperibé! Nos olhamos, rimos e o taxista seguiu a corrida. Eu nunca imaginaria que o taxista conhecia essa cidade e que aceitasse ir até lá com um casal que não fazia outra coisa a não ser se entregar a uma paixão desesperada!

Antonieta – (*aparentemente nervosa*) Curioso...

Laura – Curioso? (*rindo*) Por muito tempo eu pensei que fosse milagre! Curioso mesmo foi à viagem... Nos beijamos compulsivamente e foi nesse dia que perdi a minha virgindade! Transamos no banco do carro a viagem toda, ali na estrada eu me tornei mulher! O motorista nos via pelo espelho e aquilo me excitava ainda mais. Ele me pegou de quatro, fui por cima dele... (*dá um suspiro de tesão*) a transa só acabou mesmo quando o motorista disse: Chegamos, qual o endereço? E fomos parar em um hotel simples e cheiroso na cidade. Acho que dormimos uns dois dias seguidos sem sair do quarto!

Antonieta – Porque escondeu de mim essa história esse tempo todo?

Laura – Por que te diria? Para antecipar o meu sofrimento? Para você chegar com a polícia como fez dois anos depois? Não, Antonieta, diferente de você nunca tive o prazer de me deliciar com o sofrimento dos outros. Com a chegada do Aloísio, eu tirei você da minha vida! Eu nem lembrava que você existia. Vivi dois anos sem lembrar seu nome, seu rosto e sua maldade. Eu tinha nascido de novo! Tinha prazer, eu ria, eu gozava, eu era feliz! Mas toda essa alegria, essa vida feliz acabou naquele dia fatídico que você apareceu como a dona da situação, como se fosse a minha dona! A dona do meu destino...

Antonieta – Como poderia saber que você não tinha sido sequestrada? Você foi culpada por eu ter chegado com a polícia, se eu soubesse... *(pausa)* Você não deu notícias esses dois anos, me fez de idiota. Nunca chorei tanto na minha vida, eu estava feia, acabada, destruída sem saber notícias suas! Você tinha me destruído! Eu não poderia aceitar sua ausência, você era o combustível para eu continuar vivendo, era insuportável pra mim que você tivesse sumido do mapa sem vestígio... De um dia para o outro... Sabe quantas vezes eu fui ao museu a sua procura? Naquele mesmo lugar onde tínhamos marcado encontro?

Laura – Que me importa isso?

Antonieta - Todos os dias Laura! Todos os dias eu estava lá, excomungando a chuva, o engarrafamento por ter me atrasado e pensei que nunca mais ia te ver. Fiz vários auto-retratos e pendurei sua foto em cada esquina da cidade a sua procura, jornais... revistas... Eu ofereci até recompensa para quem soubesse de você, do seu paradeiro. Gastei todo o meu dinheiro para te encontrar. Não conseguia mais beber nem comer. Foram dois anos eternizados em desespero...

Laura – Foi uma pena você não ter desistido! Eu seria muito mais feliz se você tivesse desistido de mim!

Antonieta – Nunca! Nunca desistiria de você e foi por minha teimosia que te encontrei!

Laura – Desgraçada! A policia já chegou batendo no Aloísio. Coitado não sabia de nada, eu não sabia de nada até que te vi descer do carro e vir em minha direção... Recusei teus abraços, teus beijos e olhar! Eu recusei você, porque para mim, aquilo era um pesadelo. E foi!

Antonieta – Eu estava te protegendo!

Laura – Por que não me protegeu de você? Era a única proteção que eu precisava, era ficar longe de você!

Antonieta – Nascemos para ficarmos juntas Laura, você sempre soube disso. Mas fez escolhas erradas. Quando te vi com aquela barriga...

Laura – Chega! Agora que já sabe da história toda pode ir... Por hoje já deu!

Antonieta – Aquela barriga... Não passou pela minha cabeça que um dia você pudesse engravidar... Aquilo foi o pior dos golpes que a vida poderia ter me dado... Com o Aloísio eu já nem me importava, mas só em pensar em um filho seu. Eu...

Laura – Vamos mudar de assunto. O que diabos você veio fazer aqui?

Antonieta – Conversar... Conversando descobrimos muitas coisas não é Laura! Pois bem, eu também menti para você!

Laura – Isso pra mim não é uma confissão. Sempre soube de suas mentiras, nunca confiei em você, não seja ridícula!

Antonieta – *(Ri)* Nunca quis saber o que aconteceu?

Laura – Não quero saber de nada! Saia daqui! Estou cansada, essa conversa me deixou exausta!

Antonieta – Quando você começou a sentir as dores do parto eu estava sozinha com você... O médico já tinha pedido para que você tivesse bastante repouso. E o Aloísio... cuidei para que não ficasse por perto, foram três dias de contrações e dores.

Laura – Eu não quero saber dessa história! Guarde para você esse passado doloroso.

Antonieta – Mas eu quero contar, vou contar sim! Cada detalhe do que aconteceu quer queira ou não...

Laura – Então pode contar... Que diferença faz? Tudo acabou, nada mais volta, não se tem mais lágrimas para chorar e nada mais me faz sofrer, Antonieta, esse prazer não mais terá... Cheguei a um lugar tão silencioso que não escuto mais a dor. Conta, conta cada detalhe que me escondestes, nada me surpreende vindo de você.

Antonieta – Pois bem, Laura, na sua casa de Aperibé não encontrei tesoura e nem pano, não tinha ninguém morando ali por perto, mas ela aparecia toda noite para cantar em cima do telhado do meu quarto.

Laura – Ela quem?

Antonieta – A suindara. Pousava no telhado ou na sacada de sua casa e piava a noite toda, um som semelhante ao rasgo de seda... Ela estava me pedindo para que eu fizesse algo.

Laura – Você não está falando nada com nada Antonieta... Chega, vá embora! Já falamos muito por hoje. Aliás, já falamos o suficiente por uma década!

Antonieta – Era ela, Laura, a rasga-mortalha dando o sinal de que alguém da casa logo faleceria. Então fiquei na vigília para saber qual era o dia do seu parto... Errei por duas vezes, por duas vezes eu tirei o Aloísio de dentro de casa para poder fazer cumprir o piar da suindara e o meu desejo também... Então, como não tinha mais desculpas para tirar o Aloísio de perto de você, eu ofereci o seu chá de cidreira, hábito que você adquiriu com ele.

Laura – Pode parando, chega, Antonieta! CHEGA!

Antonieta – Pensei que você tinha dito que eu podia contar... Pois vou falar cada letra, cada palavra, cada ponto e vírgula do que aconteceu naquela noite... Eu coloquei veneno na xícara de chá dele, ele bebeu e caiu morto na cadeira, foi difícil para me livrar do corpo...

Laura – Monstruosa essa história! Como pode? (*Chorando*)

Antonieta – Mas não para por aí... Antes cuidei para que você não percebesse nada. E então eu enterrei o corpo dele a noite perto da árvore em frente a casa... passou um dia, dois, três... E você calou-se as perguntas por ele, eu calei as mentiras sobre sua ausência...

Laura – Chega! Chega por favor.

Antonieta – Mas a Suindara não parava de piar todas as noites que ficamos naquela casa... Foi então que... *(Laura pega o bule de chá e derrama parte o conteúdo na mesa... Antonieta começa a cantar uma música, ela corre pelo palco tampando os ouvidos. Se recompõem)* Eu tranquei você no quarto assim que a bolsa estourou... *(Laura começa a cantar tampando os ouvidos para não escutar Antonieta. A música acaba, ela anda pelo palco procurando a irmã sem vê-la, se assusta com a voz de Antonieta no seu ouvido)* Eram gritos de dor, gemidos e desmaio... Até que um dia ele nasceu...

Laura – *(chorando)* Era um menino?

Antonieta – Sim, sim. Um menino gordo e morto!

Laura – *(grita)* NÃO! Sua desgraçada!

Antonieta – Ele nasceu morto!

Laura – Você matou meu marido e meu filho... Suindara. Assassina!

Antonieta – No mundo não cabia nós e eles, Laura...

Laura – O mundo não cabia eu e você, Antonieta!

Antonieta – Mas nós estamos aqui...

Laura – Nós? *(rindo)* Não, eu estou aqui! Porque assim que voltei do hospital eu te fiz beber meu chá lembra?

Antonieta – Eu... Minhas lembranças são eu beijando seu filho no caixão florido e no táxi levando você do hospital para casa, mas depois... Depois...

Laura – Depois eu não dei uma palavra com você, eu cheguei fui direto para a cozinha, fervei água, coloquei a mesa e sentamos para tomar o chá... A

Suindara rodeava a casa, piava, piava, você estava desconfiada. Você, em silêncio, bebeu toda a xícara de chá de cidreira e a cabeça pendeu pro lado...

Antonieta – Eu... eu...

Laura – E está sentada há vinte anos na mesma posição até hoje... Mas todos os dias vem aqui em casa e contamos as mesmas histórias e escutamos o rasgar das sedas e o piar do rasga-mortalhas e eu espero o meu dia chegar...

Antonieta – Eu tenho que ir...

Laura – Vai! Amanhã estaremos aqui... *(Coloca outro disco, canta... A cena se repete, vai até a xícara de chá que colocou próximo a irmã, bebe e a luz vai baixando).*

Cai o pano ao piar da suindara...

Rio de Janeiro, Ramos, 14 de março de 2016.

Rio de Janeiro, Ramos, 20 de dezembro de 2016. (Alteração 1)

